

# O DIRETIVO E O COMPROMISSIVO COMO CARACTERÍSTICAS *SUI GENERIS* DA POÉTICA DE OVÍDIO MARTINS: UMA ANÁLISE LINGUÍSTICO-LITERÁRIA

Guilherme Delgado Oliveira<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo demonstrar, através de uma análise linguístico-literária, que a linguagem usada na vertente lírica de luta da obra *Caminhada* (2015) de Ovídio Martins é, essencialmente, compromissiva e diretiva. Assim, por via da análise de composições poéticas do autor, concluiu-se que os mesmos se deixam, por um lado, guiar pelo comprometimento em relação as causas que nutrem os princípios de direitos universais (como a liberdade de expressão e a luta para a emancipação) e pela atenção dada às classes menos favorecidas materialmente. Por outro, verificou-se que há uma preocupação do autor em recorrer a uma linguística injuntiva espelhada numa postura de contestação e revolta, características de uma literatura engajada. Assim, o repúdio a situações mais injustas, perpetuadas pelo contexto de um regime opressivo do qual foi vítima o próprio autor, é de se destacar. Os atos verbais que informam os versos são suportados por conteúdos proposicionais como ordem, conselho, pedido, aviso e advertência. Tais atos ancoram, por sua vez, em dispositivos linguísticos, a nível da superfície textual, como os modos imperativo e indicativo, o tempo futuro, os pronomes da segunda pessoa gramatical, as interrogativas diretas e as perguntas retóricas, enquanto forças ilocutórias, ao serviço da intenção do autor.

**Palavras-chave:** Compromissivo; Diretivo; Ovídio Martins; Vertente lírica de luta.

## Introdução

Qualquer poesia se faz pelo uso da linguagem e, em cada texto, ela torna-se única e irrepetível, pois dir-se-á metaforicamente que é sob a forma como o poeta lapida a palavra que ele orna o seu quadro. Por meio dela, o autor cria o seu próprio estilo, a sua marca. A intenção a que se propõe, também, influencia a sua escolha morfosintática e semântica. Ingarden (1973), filósofo polaco, afirma que o texto literário deverá ser concebido como uma entidade multistratificada (dotado de

---

1 Doutorando em Estudos Portugueses - Especialidade em Linguística Portuguesa pela Universidade Aberta, Portugal (2017 a 2022); Mestrado em Estudos Portugueses - Investigação e Ensino, pela mesma Universidade (2012 a 2014); Licenciado em Estudos Cabo-verdianos e Portugueses pela Universidade do Mindelo, Cabo Verde (2002 a 2007). Colaborador da Uni-Cv/FAeD, como docente de Técnicas de Expressão Oral e Escrita, Sociolinguística, Técnicas de Análise Textual, Fonética e Fonologia, Literatura Portuguesa, entre outras áreas. E-mail: [gui-oliveira24@hotmail.com](mailto:gui-oliveira24@hotmail.com)

formações fónico-linguísticas, das unidades de significação, das objetividades apresentadas e dos aspetos esquematizados).

Ler a obra *Caminhada* (2015) de Ovídio Martins, sobretudo nas suas dimensões fónico-linguísticas e de significações, deixa sobressair a injunção e o compromissivo, como características evidentes da sua linguagem, particularmente, na sua vertente poética de luta.

Ovídio Martins, poeta bilíngue cabo-verdiano, nascido em São Vicente, marcou, com o estilo próprio, de forma indelével, a literatura cabo-verdiana. Co-fundador da *Revista Suplemento Cultural*, publicada em 1958, na cidade da Praia, apenas com uma única edição porquanto a segunda foi proibida pela censura, quase que reelabora uma nova linguagem na poética cabo-verdiana, dado um discurso incisivo, apelativo, de contestação e protesto.

Os poetas desta geração, conhecidos como anti-evasionistas ou anti-pasargadistas, conceito importado do poema do mesmo escritor, “Anti-evasão”, qualificação oposta atribuída aos claridosos, mesmo que injustamente (FERREIRA, 2006), alguns já com uma formação universitária, colocam-se ao lado dos mais desfavorecidos, corroborando os seus problemas.

Se anteriormente preocupavam-se com a afirmação da caboverdianidade, denunciando os problemas vivenciados, estes autores, devido ao contexto político e socioeconómico que os rodeava não só no arquipélago, mas também nos restantes países dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), por causa da luta para a emancipação das ex-colónias portuguesas, imprime uma poética baseada na ideia de reivindicação e luta.

De extrema relevância, a Casa dos Estudantes do Império em Portugal revela-se fundamental na criação de uma ideologia que corroborasse uma literatura comprometida com a demanda social, embora com todas as consequências que pudessem daí advir, às quais não escapou o autor. A independência do país terá, posteriormente, compensado todas as represárias que foram sujeitos. Engajado nessa luta, Martins cedo se colocou à frente desses ideais. *Caminhada* é, na verdade, um exemplo manifesto de uma forma consciente de uma poética assente em valores, os quais estão plasmados nos intentos universais, como a liberdade de expressão, (*vide* os poemas “O Único Impossível”, “Não me aprisionem os gestos”) e a independência para guiar o destino de uma nação.

Neste artigo, o nosso propósito passa por demonstrar, através de uma análise linguístico-literária, que a linguagem poética patenteada, em algumas composições líricas de Martins, se baseia no compromissivo e no diretivo. Deste modo, os atos ilocutórios diretivos e compromissivos (SEARLE 1969, 1975) serão revisitados. Para a análise, tomaremos os conceitos atos ilocutórios, forças ilocutórias e conteúdos proposicionais.

Aplicar a teoria dos atos de fala na análise de textos líricos não é, todavia, a melhor via, sabendo que, como já nos dizia Pessoa, o poeta é um fingidor, o que pressupõe que a literariedade do signo linguístico foge, neste contexto, à relação

biunívoca significante *versus* significado ou, por outras palavras, aquilo que realmente interessa na poética é a conotatividade e a subjetividade literárias no seu grau máximo. É bom lembrar que a literatura é, no entanto, superior a qualquer forma de linguagem. Compagnon (2009), discorrendo sobre o poder da literatura, assevera que ela corrige os defeitos da linguagem. A literatura fala a todo mundo, recorre à língua comum, mas ela faz desta uma língua particular–poética ou literária. Fazer, por isso, uma análise exclusivamente linguística de um texto literário seria uma tentativa de reduzi-lo a uma visão microscópica, abdicando-se da sua simbologia e das múltiplas e implícitas significações. Na verdade, como profere Leal (2021):

A literatura ou, ainda melhor, as manifestações da literatura são as formas de escape dos tentáculos da língua. É isso que a linguagem literária faz, uma subversão linguística que esquiva das estruturas da gramática e se torna *plurimorfológica, assintática e ultrassemântica*. Significando o incerto, multiplicando as possibilidades de reconhecimento do leitor (ou seja, do tu) como um autor legitimado. (LEAL, 2021, p.12).

Tratando-se de textos literários, a nossa análise terá em conta não só os tentáculos linguísticos, a nível da superfície textual, como também a sua transfiguração, sendo a nossa leitura uma de mil possibilidades legitimada, precisamente, pelo significado incerto postulado por Leal (2021). Deste modo, o quadro teórico deste trabalho inclui contributos da Pragmática Linguística, mais precisamente da teoria dos atos ilocutórios (SEARLE, 1969, 1975; CARREIRA, 1995) e da Teoria e Análise Literárias (AGUIAR; SILVA, 1991; COMPAGNON, 2009; BRITO-SEMEDO, 2015), tendo em conta que se elaboram textos líricos.

Para o nosso estudo, adotaremos uma postura ensaística dado analisarmos textos literários. Para tal, selecionamos aleatoriamente quatro textos de Ovídio Martins (2015), cujo conteúdo se relaciona com a ideia de luta, expressão de liberdade, da defesa dos mais desfavorecidos. Deste modo, estudaremos os poemas: “Não me aprisionem os gestos” “O Único Impossível”, “Anti-Evasão” e “Canta amigo”, a partir dos quais teremos em conta o conteúdo temático associado aos atos ilocutórios, às forças de ilocução e aos conteúdos proposicionais.

## **1 Atos locutórios diretivos e comissivos**

Na taxonomia dos atos ilocutórios, Searle (1969,1975) propõe seis grandes classes, as quais resumem toda a nossa ação verbal. Dentre elas, destacam-se os diretivos e os comissivos ou compromissivos. Os primeiros relacionam-se com o agir sobre o outro, isto é, o propósito do locutor (neste contexto, corresponde ao eu lírico) é fazer com que o seu interlocutor realize uma ação verbal ou não num tempo futuro. Tais atos manifestam-se através de conteúdos proposicionais traduzidos em atos como pedido, aviso, pergunta, ordem, sugestão, etc. Materializam-se linguisticamente por meio de forças de ilocução, como o modo imperativo, interrogativas

diretas e indiretas, vocativo, modos indicativo e conjuntivo, com valor imperativo, segunda pessoa gramatical, função conativa da linguagem (FARIA, 2003). Os segundos têm como objetivo comprometer o locutor no desenrolar futuro de uma ação expressa no conteúdo proposicional do enunciado. Linguisticamente, manifestam-se por meio de frases simples, com utilização do tempo futuro ou os seus substitutos, como o presente do indicativo; verbos ilocutórios compromissivos, como jurar, comprometer, prometer, tencionar; expressões elíticas com valor ilocutório compromissivo, entre outras construções (Faria, 2003, p. 77-78).

Retomando os atos ilocutórios diretivos e, porque estes se associam ao sistema de delicadeza verbal, entendendo delicadeza, enquanto forma de não ameaça à face do interlocutor, ou então, a atenuação dessa ameaça, Carreia (1995, pp. 2010-2015), apropriando-se dos princípios orientados para o alocutário, propõe as fórmulas e as rotinas, os processos de indireção e de desatualização modal e/ou temporal e estratégias conversacionais, como processos linguísticos do português, os quais considera fundamentais para o estudo da delicadeza verbal. Partindo da delicadeza negativa (atenuadora de atos ameaçadores da face negativa), a qual corresponde à máxima do tacto de Leech (1983), a investigadora acentua a importância de se evitar *ordens brutais e perguntas indiscretas* para a eficácia interativa.

Para o primeiro caso, adverte que a injunção pode expressar-se de modo mais ou menos direto, sendo que o menos corresponderia ao mais delicado. Tal constatação permitiu-lhe traçar uma escala formando um eixo contínuo, cujas extremidades resguardam, por um lado, um ato direto de ordem e, por outro, a expressão da sugestão e desejo, como se depreende na seguinte tabela:

**Tabela 1:** Representativa da Injunção e delicadeza verbal de Carreira, in Marques (1995: 210).

- Delicadeza + Direção (ato direto)		+ Delicadeza - Direção (ato indireto)	
Ato direto de ordem	Ato direto de ordem	Pedido	conselho
+ formulas de Delicadeza		[+ fórmulas de delicadeza] sugestão	desejo

Verifica-se, ainda, que o ato direto de ordem, sem atenuadores ou minimizadores discursivos, é mais ameaçador do que atos que exprimem conselho, sugestão e desejo, por exemplo, por isso, em pólos opostos, numa gradação de mais agressivo a menos agressivo ou mais ameaçador a menos ameaçador. É de realçar, entretanto, o papel da entoação, consoante a intenção comunicativa. Almeida (2016, p.12) lembra-nos sobre este aspecto que, “no seio dos atos diretivos, o aviso é mais coercivo do que o conselho.”

## 2 Análise dos textos

Encetamos o nosso estudo com a análise do poema “Não me aprisionem os gestos”, (MARTINS, 2015, p.7-8) que a seguir se apresenta:

Não me aprisionem os gestos  
a criança ainda não desertou

Ainda sonho cavalgadas de estrelas  
e danças lúbricas de flores  
em madrugadas azuis  
e jardins suspensos de ouro  
e crianças aladas a brincar  
e gargalhadas de prata.

Não me aprisionem os gestos  
que o mar não cabe num dedal  
e meus gestos têm a sugestão do mar  
o mistério das ondas do mar  
a comunicabilidade do mar

Levem-me a Lógica  
fiquem com a Política  
roubem-me a Metafísica  
tirem-me a roupa  
e deixem-me morrer de fome

Porém não me aprisionem os gestos  
que uma ave sem asas não é ave  
E que diria o meu eu-adulto  
ao meu eu-criança  
— o único afinal —  
que sabe viver em sonho e poesia?

Ah por favor  
não me aprisionem os gestos  
que a criança em mim não desertou ainda.

Como se verifica logo pelo título, o sujeito lírico dirige-se, através do ato ilocutório diretivo direto a um “vocês”, cujo conteúdo proposicional se traduz numa ordem sustentada pelo modo imperativo, enquanto força ilocutória.

Em termos temáticos, o título sugere, também, a ideia de opressão em que se encontra submetido o sujeito poético, sendo sua intenção subverter este estado de coisas, isto é, clamar pela sua liberdade sob forma de uma constante injunção.

Fá-lo, visando um interlocutor, um “você”, que poderá ser inferido pelo contexto político vivenciado na altura, neste caso, o de colonização<sup>2</sup>.

Torna-se visível, logo no *incipit* textual, que o sujeito poético se socorre, igualmente, do ato ilocutório diretivo direto no qual reforça a ideia patenteada no título, porém, introduzindo um elemento novo, o item lexical “criança”, com a intenção de demonstrar que, embora adulto, detém o ímpeto pueril o qual se traduz em sonho, alegria, inconsciência e liberdade. Neste quesito, lembremo-nos de Pessoa ortónimo, com o seu poema “A criança que fui chora na estrada” (Pessoa, 1973), afinal todo o texto é um intertexto, como já defendiam Kristeva (1969), Aguiar e Silva (1991), Fonseca (1992), isto é, todo e qualquer texto resulta de relações dialógicas, de uma polifonia de vozes, de um mosaico de citações, respetivamente.

Pessoa ortónimo, na sua plena consciência, como sujeito pensante, na fase adulta da sua vida, ciente do seu ser, da sua existência e da sua responsabilidade, queria recuperar a criança que abandonara na estrada, pois, após a sua maturidade, constatou que a consciência da sua existência era sinónimo de infelicidade. Por isso, nada que recorrer a um passado para se sintonizar com o “eu” que ficara lá trás, porém, como a vinda tem regressão errada, não há como realizá-lo. Do mesmo modo, o sujeito lírico desta composição, em análise, nesta consciência do aprisionamento dos gestos, que lhe é infligido, quer que a criança que exista dentro dele permaneça porquanto é a razão de ser do sonho do poeta. Neste sentido, ser criança é estar conectado a seus sonhos, é um eterno devaneador. Em contrapartida, está disposto a algumas subtrações, abdicando-se, por exemplo, da razão e do próprio corpo, ou melhor, de algumas regalias às quais não se importa de ser despojadas: “Levem-me a Lógica fiquem com a Política roubem-me a Metafísica tirem-me a roupa e deixem-me morrer de fome.” (MARTINS, 2015, p.7). Contudo, não está preparado para perder a sua essência – a infantilidade – a inocência de criança que existe na couraça de homem adulto aprisionado, ou melhor, o sonho e a liberdade – imprescindíveis atributos para ser poeta. “E que diria o meu eu-adulto ao meu eu -criança - o único afinal - que sabe viver em sonho e poesia.” (Martins, 2015, p.8).

Na construção semântica do conteúdo textual, constatamos um conjunto de atos ilocutórios diretivos diretos, sob forma de ordens a pedido (*vide* o último verso da tabela 2, *infra*, cujo ato diretivo direto é atenuado com a forma de delicadeza “por favor”), numa gradação descendente, do ato mais ameaçador da face do interlocutor ao menos ameaçador, com os respectivos conteúdos proposicionais e forças ilocutórias, os quais estão a serviço da intenção do poeta, para reivindicação da liberdade, uma constante na lírica de Martins.

Esta ideia é, de resto, expressa e assumida no prefácio da contracapa da obra *Gritarei. Berrarei. Não vou para Pasárgada*, por Onésimo Silveira (1973), citado por

---

2 Em Cabo Verde, aquando da publicação da revista *Suplemento Cultural*, em 1958, começava-se a preparar o húmus para a libertação das amarras do colonizador português, em que esta revista desempenhou um papel preponderante dado o seu conteúdo panfletário e de engajamento às demandas sociais, o que só veio a processar-se em 1975 com a independência do país.

Brito-Semedo (2016), ao afirmar que, na poética de Martins, há uma “obsessão constante de libertação” (sublinhado nosso), neste caso em concreto, a dos gestos.

**Tabela 2:** Da nossa autoria

Atos ilocutórios diretos diretos	Conteúdos proposicionais	Forças de ilocução
“não me aprisionem os gestos” “Não me aprisionem os gestos a criança” “Não me aprisionem os gestos que o mar” “Levem-me a Lógica” “fiquem com a Política” “roubem-me a Metafísica” tirem-me a roupa deixem-me morrer de fome Porém não me aprisionem os gestos E que diria o meu eu-adulto ao meu eu-criança — o único afinal — que sabe viver em sonho e poesia? Ah por favor não me aprisionem os gestos que a criança em mim não desertou ainda”	Ordens           Pergunta           Pedido	Modo imperativo (formas negativa e afirmativa)           Pergunta retórica           Modo imperativo

Apelo à liberdade é o que se vislumbra, também, no texto intitulado “O Único Impossível” de Martins (2015, p.9-10).

Mordaças  
A um Poeta

Loucura!

E por que não Fechar na mão uma estrela  
O Universo num dedal?  
Era mais fácil  
Engolir o mar  
Extinguir o brilho aos astros

Mordaças  
A um Poeta?

Absurdo!

E por que não Parar o vento  
Travar todo o movimento?  
Era mais fácil deslocar montanhas com uma flor  
Desviar cursos de água com um sorriso

Mordaças  
A um Poeta?

Não me façam rir! ...

Experimentem primeiro  
Deixar de respirar  
Ou rimar... mordaças

Com Liberdade.

Nesta composição, o “eu” poético deixa transparecer a ideia de que o poeta possui uma liberdade incondicional de expressão e que não há nenhum evento que seja capaz de o fazer calar-se. Seria mais fácil a realização de impossíveis e descomunais ações, como deslocar montanhas com uma flor, desviar cursos de água ou deixar de respirar ao invés de o silenciar.

Este poema representa o antídoto à situações perpetuadas por regimes políticos com vocação opressiva ou ditatorial e simboliza o epíteto à abolição da censura. Na verdade, o seu autor sofreu as consequências desse regime (PIDE) e vivenciou, na primeira pessoa, a dor e o tédio do exílio. Ainda que estejamos perante um texto lírico, não devemos nos esquecer, como defende Veiga:

O homem é, em certa medida, o produto das circunstâncias e do contexto que o envolvem. Ele é de alguma maneira o que tem sido a sua cosmogonia e a sua cosmologia. Física e idiossincraticamente, ele se molda ou é moldado de acordo com o contexto onde nasceu ou onde vive. (VEIGA, 1986, p.27)<sup>3</sup>:

Diretiva é, igualmente, a linguagem empreendida na construção do sentido macro-textual. O sujeito lírico recorre-se a sugestões, sob forma de perguntas retóricas, e ordens para realçar a incapacidade de oprimir o poeta, como se percebe na tabela 3, visando, assim, o opressor.

---

<sup>3</sup> Comunicação apresentada no Simpósio Internacional sobre a Cultura e a Literatura Cabo-Verdianas. Mindelo 24-27/11/ 86, no âmbito do 50º Aniversário da Revista Claridade.



**Tabela 3:** Da nossa autoria.

Atos ilocutórios diretos diretos	Conteúdos proposicionais	Forças de ilocução
“Mordaças a um poeta?”	Pergunta	Pergunta retórica
“Não me façam rir”	Ordem	Modo imperativo (formas negativa e afirmativa)
“Experimentem primeiro/ deixar de respirar /ou rimar mordaças com liberdade”	Ordem	
“E por que não Fechar na mão uma estrela/ O Universo num dedal?”	Sugestões	Pergunta retórica
“E por que não Parar o vento/Travar todo o movimento?”	Sugestões	Pergunta retórica

O texto “Anti-evasão” (MARTINS, 2015, p.25), abaixo transcrito, corresponde a um dos poemas mais representativos da geração do *Suplemento Cultural* do qual Ovídio fez parte.

Pedirei  
Suplicarei  
Chorarei

Não vou para Pasárgada

Atirar-me-ei ao chão  
e prenderei nas mãos convulsas ervas e pedras de sangue

Não vou para Pasárgada

Gritarei  
Berrarei  
Matarei

Não vou para Pasárgada.

O tema do evasão, que se faz presente, introduzido na literatura brasileira pelo modernista Manuel Bandeira, publicado na obra *Libertinagem* (BANDEIRA, 1930, p. 21) através da composição lírica “Vou-me embora pra Pasárgada”, espaço idealizado onde o sujeito lírico realizaria todos os seus ensejos e devaneios, atravessa o outro lado do atlântico, e sob a pena de Osvaldo Alcântara, pseudônimo poético de Baltasar Lopes, ganha uma nova vitalidade, num ciclo de cinco poemas (cf. BRITO-SEMEDO, 1995a), contendo um valor conotativo positivo, tal como o do seu precursor.

No *Suplemento*, aufero o valor conotativo negativo na medida em que evadir-se significaria trair a terra *mater*, deixando os cabo-verdianos abandonados à sua sorte, ao se refugiarem noutras latitudes. Por isso, os escritores desta geração recusam-se em ir para Pasárgada e assumem esta postura anti-evasão, apelidando os claridosos de evasão, isto é, não militantes. Almada (2011, p. 95) profere mesmo que:

(...) as gerações nacionalistas acusam ademais os pré-claridosos e os claridosos de não denunciarem suficientemente o sistema colonial, opressivo e alienante, e, implicitamente, de não terem ultrapassado a sua ambiguidade cultural e literária de híbridos, identificados, a um tempo, com a pátria monumental portuguesa e o torrão natal cabo-verdiano.

Esta ideia não tinha, entretanto, razão de ser. Aliás, Ferreira (2006), no seu artigo “Evasão? Porquê?”, questiona a razão desta catalogação e mostra a sua inoperância em relação aos claridosos, afirmando que:

O crítico literário, uma vez na posse de dados que o levam à génese do poema, ao momento histórico e social da sua criação, ao modismo literário contemporâneo que lhe esteve subjacente, aos códigos, aos simbolismos, utilizados pelo poeta, ao citar e ao divulgar – num determinado contexto também histórico, político e social – a sua mensagem poética saberá tocar a iminência do grande texto que mune o poema de uma estética singular, de um estilo peculiar [...]. Daí a minha interrogação sobre o autor de tão pouco feliz, simplista e inadequado apodo lançado, com nítido sentido de depreciação, sobre toda a poesia, muito dela de uma excelência igualitária nas ilhas, de Osvaldo Alcântara, de Jorge Barbosa, de Manuel Lopes e Pedro Corsino de Azevedo. (FERREIRA, 2006, p.8).

Retomando o poema, em termos linguísticos, podemos verificar que o autor se apropria de um conjunto de verbos no futuro, alguns diretivos, enquanto performativos (pedir e suplicar), com os quais reitera a sua volição, ou melhor, o seu repúdio em ir para Pasárgada. Assim, numa linguagem que se amplifica gradativamente, em pólos opostos – do mais passivo ao mais ativo - exclui terminantemente a possibilidade de qualquer viagem intelectualizada ou onírica. Para Deon e Menon (2018, p.25):

Ovídio Martins converte Pasárgada a seu favor, forjando uma contra ideologia, não de evasão ou de fuga, mas de luta e resistência, calcada no chão do seu país, validando o ato de persistência do indivíduo caboverdiano no seio de sua realidade presente e emergente.

Ao contrário dos textos já analisados, no intitulado “Anti-evasão”, os atos compromissivos ou comissivos são uma constante, numa clara demonstração de o sujeito lírico comprometer-se em não ir para Pasárgada, renegando definitivamente uma postura evasão: “Gritarei /Berrarei /Matarei/ Não vou para Pasárgada” (MARTINS, 2015, p. 25).

O uso dos verbos na primeira pessoa e no futuro do indicativo, modo de certeza, espelham esse engajamento, como se constata na tabela que se segue.

**Tabela 4:** Da nossa autoria.

Atos ilocutórios compromissivos ou comissivos	Conteúdo proposicional	Forças ilocutórias
“Pedirei”	Comprometimento	Verbos na 1ª pessoa do futuro do indicativo
“Suplicarei”		
“Chorarei”		
“Não vou para Pasárgada”		
“Atirar-me-ei ao chão”		Verbos no presente do indicativo
“e prenderei nas mãos convulsas ervas e pedras de sangue”		
“Não vou para Pasárgada”		
“Gritarei Berrarei Matarei”		
“Não vou para Pasárgada”		

“Canta comigo” (MARTINS, 2015, p. 54-55) é, por sua vez, um poema alusivo à emigração forçada para São Tomé e Príncipe, de resto, uma temática bastante explorada pelos escritores do *Suplemento Cultural*, a qual ganha expressão máxima na tríade poética: Gabriel Mariano, Onésimo Silveira e Ovídio Martins.

Canta Amigo  
 Canta  
 Deixa que se espraie  
 no teu coração dorido  
 a morna que acalenta  
 Canta Amigo

Canta  
No fundo da senzala  
não tens melhor companheiro  
que a dor e uma canção  
Canta Amigo canta  
Mas evita que o teu canto  
sejam lágrimas sem remédio  
Tua terra deixas num soluço  
e num soluço a recordas  
Tuas lágrimas na Terra-Longe  
têm que ser de esperança

Canta Amigo  
canta  
e põe no teu canto  
o encanto  
de qualquer crioula.

Esta geração, influenciada pelo conceito de negritude, cuja repercussão se fez sentir sobretudo nos países francófonos, na impossibilidade de o transpor para a literatura cabo-verdiana, pelo que as questões ráticas não se colocavam no arquipélago fruto da nossa miscigenação cultural (mulher negra + homem branco), estes poetas encontram um campo fértil na emigração para o sul e, por meio de uma lírica engajada, exploram-na até à exaustão, representando a voz dos mais desfavorecidos, neste caso, a dos contratados, numa declarada postura de solidariedade humana. Assim, por via de uma linguagem de protesto, utilizam a poética como meio de combate às situações mais injustas perpetuadas por uma emigração forçada. É caso para se dizer que a poesia é poder. Porém, ela também simboliza o contra poder, nas palavras de Compagnon (2009).

Neste texto, em particular, o sujeito poético invoca o canto do contratado, numa declarada referência à edificação do seu estado psicológico. Não obstante aos maltratos a que estavam sujeitos os serviçais, num apelo motivador, o eu lírico recorre à morna, como canto, para o motivar. Na verdade, este género musical genuíno e, hodiernamente, património mundial da UNESCO, é visto enquanto música cabo-verdiana da saudade. Neste caso particular, saudade da terra *mater*, dos que ficaram e dos que se ausentaram por alguma razão, forçada ou não. A morna, como nos elucida *Notre Libraire*:

Nunca canta a pobreza...não canta a solidão, nem mesmo a morte. Estes temas não são dominantes. Domina o amor, a partida da terra e da amada, mas implícita na mesma morna está o regresso. O regresso é saboreado com um prazer indescritível, avaliável só por quem esteve longe. (NOTRE LIBRAIRE, Nº 112, JANUIER/ MARS, 1993, grifos nossos).

É precisamente este canto de esperança do regresso que o poeta invoca, como consolação do âmago do contratado “Canta Amigo/ canta /Mas evita que o teu canto /sejam lágrimas sem remédio... Tuas lágrimas na Terra-Longe /têm que ser de esperança.” Aliada a esta esperança, encontra-se uma referência ao amor: “Canta Amigo/canta/ e põe no teu canto/ o encanto /de qualquer crioula.”

À semelhança dos poemas anteriores, o sujeito lírico apropria-se dos atos ilocutórios diretivos diretos, só que, neste texto em particular, evita ordens brutais e, numa toada de extrema aproximação e intimidade, com alguma subtilidade, dirige-se ao contratado em forma de solidariedade humana. Afinal, os serviçais foram vítimas dessa emigração, cujas consequências traduziram-se em dor, violência e sofrimento, quer físico, quer emocional. Assim, como forças ilocutórias, irrompem o pronome de tratamento “tu”, subentendido na forma informal de tratamento, os determinantes possessivos “teu/tua (s)”, a forma verbal no modo imperativo – tratamento informal, e o item lexical “Amigo”, aspetos linguísticos que, conjuntamente com o valor estético/criativo da própria poesia, se revertem em formas de denúncia do desequilíbrio social desses emigrantes que foram explorados desumanamente.

Sistematizam-se, na tabela 5, os dispositivos linguísticos que nos permitem afirmar que o texto se deixa guiar pelos atos diretivos:

**Tabela 5:** Da nossa autoria

Atos ilocutórios	Conteúdos proposicionais	Forças ilocutórias
“Canta amigo”	Pedidos	Modo imperativo (formas informais de tratamento); - Determinantes possessivos da segunda pessoa (teu/tua/tuas);  Itens lexicais que veiculam aproximação/intimidade (“amigo, crioula”).
“Canta”		
“Deixe que se espaire”		
“Mas evita que o teu canto”		
“põe no teu canto”		

## Considerações finais

A poética é, em si, uma forma própria de linguagem, superior a qualquer modalidade específica da linguagem humana (COMPAGNON, 2009), e dada a sua dimensão estética, transfigura-se, comunicando vários sentidos.

Nestes textos, o seu autor, numa atitude criativa, apropriou-se, por um lado, de uma linguagem injuntiva e compromissiva, por outro, assente em conteúdos proposicionais como ordem, apelos, advertência (...), para, num discurso de intervenção social, colocar tónica em questões que afetam o ser humano, como a

liberdade de expressão, a solidariedade humana representando a voz dos mais desfavorecidos (contratados), o que revela uma preocupação com o *alter ego*.

Tais inquietações aparecem, sobretudo, na sua vertente poética de luta, realçando o envolvimento do seu autor numa causa que foi motivo da sua preocupação. Assim, estes textos, por via duma linguagem de compromisso com o país, traduzidos na luta para a independência, na liberdade de expressão e na solidariedade humana fazem com que sobressaem forças ilocutórias, como o modo imperativo, as interrogativas diretas e indiretas, o futuro na primeira pessoa, reiterando a ideia de repúdio das formas mais injustas e desequilibradas. Estas composições representam, na verdade, uma poética panfletária, isto é, de intervenção social e política.

Com esta análise, ficou demonstrado que os atos ilocutórios diretivos e compromissivos irrompem na lírica de Ovídio Martins, corroborando o seu engajamento em debelar o *modus operandi* de uma sociedade que carecia de uma mudança, a qual anos envolvidos se traduziu na sua independência.

## **THE DIRECTIVE AND THE COMISSIVE AS SUI GENERIS CHARACTERISTICS OF THE POETICS OF OVIDIO MARTINS: A LINGUISTIC-LITERARY ANALYSIS**

**Abstract:** *This article aims to demonstrate, by the means of a linguistic - literary analysis, that the lyrical aspect of the language to describe the “struggle,” used by Ovidio Martins in Caminhada (2015), is comissive and directive. A thorough analysis of the author’s poetry leads us to the conclusion that his writing, on the one hand, is guided by the commitment to causes that nourish the principles of universal rights (such as freedom of expression and the struggle for emancipation) and by the attention, given to classes with underprivileged economical status. On the other hand, there are obvious signs of the author’s appeals to an injunctive linguistics expressed by a posture of contestation and rebellion - featuring an engaged literature. The author uses the above mentioned techniques in order to express his disavowal of the most unfair situations perpetuated by the oppressive regime, of which the author himself was a victim. On the textual level, there is a burst of propositional contents, such as order, advice, request, warning and admonition. Such acts are supported by linguistic tools, namely the imperative and indicative modes, the future tense, the use of pronouns in the second person, direct and rhetorical questions - they all serve as illocutionary forces for the expression of the author’s intention.*

**Keywords:** Commitment; Directive; Ovidio Martins; Lyrical aspect of struggle.

## **Referências**

AGUIAR e SILVA, Vítor Manuel de – *Teoria da Literatura*. Coimbra: Livraria Almedina, 1991.

ALMADA, José Luís Hopffer C. – Que caminhos para a poesia cabo-verdiana? Antigos e recentes debates e controvérsias sobre a identidade literária cabo-verdiana. *Navegações*. Porto Alegre, v. 4, n. 1, p. 92-106, jan./jun. 2011.

ALMEIDA, Carla Aurélia de – Conselho de amigo, aviso do céu: contributos para a análise semântico-pragmática dos atos ilocutórios de conselho e de aviso em confronto com o de ameaça. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística -Textos Seleccionados*. XXXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Porto, 2016, FLUP, APL, pp. 1-29, ISSN: 2183-9077, disponível em <http://ojs.letras.up.pt/index.php/APL/article/view/1534/1340>

BANDEIRA, Manuel (1930) – *Libertinagem*, pp. 1-22. In [www.castrodigital.com.br](http://www.castrodigital.com.br). Acesso em 5 jun. 2021.

BRITO-SEMEDO, Manuel – *Caboverdianamente Ensaando I*. Ilhéu Editora. Mindelo. Cabo Verde. 1995a.

BRITO-SEMEDO, Manuel – *Caboverdianamente Ensaando II*. Ilhéu Editora. Mindelo. Cabo Verde. 1995b.

BRITO-SEMEDO, Manuel – “Ovídio Martins Poesia de Amor e Luta”, in *Expresso das Ilhas* n° 774 de 28 de setembro de 2016.

CARREIRA, Maria Helena – A Delicadeza em Português: para o estudo das suas manifestações linguísticas, in MARQUES, Maria Emília Ricardo – *Sociolinguística*. Universidade Aberta, 1995.

COMPAGNON, Antoine – *Literatura para quê?* Tradução de Laura Taddei Brandini. Bello Horizonte. UFMG, 2009.

DEON, Robson; MENON, Maurício Cesar – Um diálogo poético entre Cabo Verde e Brasil: Ovídio Martins e Manuel Bandeira.” *Interdisciplinar*. São Cristóvão, v.30, jul.-dez.p.13-29, 2018. In <https://seer.ufs.br>. Acesso em 01 fev. 2022.

FERREIRA, Manuel – *No Reino de Caliban I*. Lisboa. Seara Nova, 1975.

FERREIRA, Ondina – *Evanionista? Porquê?* *Expresso das Ilhas*. 26 de Abril de 2006.

FONSECA, Joaquim (1992) – *Linguística e Texto/Discurso – Teoria, Descrição, Aplicação*. 1ª Edição. Lisboa. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.

INGARDEN, R. – *A Obra de Arte Literária*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian, 1973.

KRISTEVA, Júlia – *Introdução à Seminálise*. São Paulo: Debates, 1969.

LEAL, Baktalaia de Lis Andrade – “Língua e Fascismo: Configurações do olhar barthesiano”. *Alfa*. São Paulo, v65, 2021.

MARGARIDO, Alfredo – *Estudos sobre literaturas das nações africanas de língua portuguesa. A Regra do Jogo*. Edições Lda. Lisboa. 1980.

MARTINS, Ovídio – *Caminhada*. Editorial Minerva. Lisboa 2.a Edição: União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa (UCCLA), 2015, in <https://www.uccla.pt>. Acesso 21 dez. 2021.

MATEUS, M.H.M et alii – *Gramática da Língua Portuguesa*. 6.ª ed., Lisboa. Caminho, 2003.

NOTRE LIBRAIRE – *A Morna: Música Tradicional de Cabo Verde*. nº112, Januier/Mars, 1993.

PESSOA, Fernando – *Novas Poesias Inéditas*. Direção, recolha e notas de Maria do Rosário Marques Sabino. Lisboa: Ática, 1973.

SEARLE, John Robert – *Speech Acts: an Essay in the Philosophy of Language*. Cambridge. Cambridge University Press, 1969.

SILVEIRA, Onésimo; SANTOS, H. Bettencourt - *Gritarei. Berrarei. Não vou para Pasárgada*. Prefácio de Onésimo Silveira e Humberto Bettencourt Santos. Rotterdam, 1973.

VEIGA, Manuel – Signos e Símbolos em Jorge Barbosa: Uma tentativa de Análise Semiológica. Comunicação apresentada no Simpósio Internacional sobre a Cultura e a Literatura Cabo-Verdianas. Mindelo 24-27/11/ 86, no âmbito do 50º Aniversário da Revista Claridade. In, BARBOSA, Jorge (1989) – *Poesias I. Instituto Caboverdiano e do Livro e do Disco. Rua 5 de Julho. Praia. Cabo Verde, 1986.*

Recebido em 22 de março de 2022.

Aprovado em 16 de junho de 2022.